

Estados dissociados da mente. Um não-eu?¹

Bernard Miodownik,² Rio de Janeiro

Resumo: Discutir sobre a presença da mentira e das notícias falsas na atualidade tem por objetivo ilustrar o funcionamento da dissociação no psiquismo. Nuances que diferenciam entre o mentiroso que sabe que está mentindo e o mentiroso que acredita na própria mentira são debatidas. Contribuições de Freud, Ferenczi e Fairbairn sobre o mecanismo da dissociação são apresentadas enfocando mais detidamente os aspectos inter-relacionais e intersubjetivos trazidos pelos dois últimos autores e como os estados dissociativos se apresentam na clínica psicanalítica. A conveniência de conceituar os estados dissociados como algo que pertence a um não-eu também é discutida. Retornando ao ponto inicial utiliza-se a base teórica do texto para a compreensão de um aspecto presente no ambiente sociocultural.

Palavras-chave: dissociação, mentira, borderline, psicose, psicologia das massas

Recentemente em um grupo de WhatsApp discutia-se sobre os profissionais que defendiam tratamentos indefensáveis para a covid-19 ou que propagavam todo tipo de afirmação deturpada sobre o vírus, sobre métodos preventivos e sobre as vacinas. Na conversa alguém perguntou se esses profissionais, muitos dos quais com alguma respeitabilidade técnica dentro de suas áreas, acreditavam nas narrativas que propagavam ou se, por outro lado, sabiam que estavam mentindo. Trata-se de uma dúvida pertinente que serve como ilustração para o que se entende aqui como os estados dissociados da mente.

1 Versão ampliada do texto apresentado em mesa-redonda sob título “Estados dissociados da mente. O não-eu e o mundo” no 28º Congresso Brasileiro de Psicanálise da Febrapsi correlato ao tema geral “Laços: o Eu e o mundo”.

2 Membro efetivo com funções específicas no Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Membro titular da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP).

Um dito de grande circulação nestes tempos cínicos é que uma mentira repetida inúmeras vezes acaba por tornar-se uma verdade. Será que, numa cadeia associativa, pode se depreender daí que um mentiroso ao reproduzir seguidamente a própria mentira acaba por acreditar nela? Apropriando-me das palavras do poeta, é possível dizer que o mentiroso chega até a acreditar que é dor a dor que deveras finge que sente? No caso, há uma linha tênue a separar o mentiroso que sabe que está mentindo do mentiroso que passa a acreditar na própria mentira.

Não cabe aqui entrar de forma mais extensa na psicodinâmica do mentiroso ou das várias funções que a mentira pode exercer na mente individual e na relação com os outros. Cassorla (2018) publicou recente uma importante abordagem desses temas, e esta é uma ótima referência para a discussão sobre a mentira e o mentiroso. Em relação aos estados dissociados da mente, objetivo deste texto, Freud no seu trabalho “A divisão do ego no processo de defesa” (1940[1938]/1975) mostrou que o sujeito apresenta duas formações contrárias dentro da mente, numa das quais reconhece e aceita a castração e na outra a nega. A cisão ocorre para que o paciente do exemplo que Freud relata mantenha a prática da masturbação, contra a qual sofrera a ameaça de ser castrado. O mecanismo psíquico consiste em deslocar a genitália feminina, vivenciada como resultante da castração, para outra parte do corpo ou para uma peça de vestuário como se fosse um pênis íntegro.

Seguindo a argumentação freudiana vislumbra-se a construção de uma crença que permanece dissociada das realidades interna e externa, configurando uma mentira para o próprio sujeito (não existe castração), a qual ele pretende que os outros acreditem. Freud, no entanto, considera a dissociação apresentada no referido texto como um mecanismo defensivo de caráter neurótico.

A pergunta que cabe aqui é: seria correto qualificar como não-eu os estados dissociados da mente, tal como o título da mesa-redonda propõe, já que tudo vem de algum ponto do Eu subjetivo do indivíduo? O conceito de dissociação ampliou-se significativamente desde o texto de Freud à medida que o enfoque da psicanálise se direcionou mais aos aspectos primitivos pré-edípicos, acrescido do interesse nos quadros

psicóticos ou naqueles nos quais os aspectos psicóticos têm uma presença importante no psiquismo. Ao diferenciar a neurose da psicose, Freud (1924/1976b) apontou o fato de que, enquanto na neurose se foge da realidade, na psicose, se busca remodelar a realidade. A “nova” realidade do psicótico, apesar de utilizar fragmentos da realidade, ressurgiu como um enclave distônico no Eu, um não-eu. Considerando a presença de aspectos não psicóticos e aspectos psicóticos no interior do mesmo psiquismo, o exemplo do paciente de Freud exposto no parágrafo anterior permite supor que o estado dissociativo está além da neurose com alguma frequência.

Ferenczi, primeiramente, e Fairbairn, nos anos 1940, enfatizaram o papel universal dos mecanismos dissociativos na estruturação do desenvolvimento individual antepondo-se ao recalque. Ressaltaram que a maneira pela qual cada sujeito venha a lidar com as dissociações será determinante para o desenvolvimento do psiquismo, implicando a forma futura de relacionar-se consigo próprio e com o mundo. Ambos consideraram o fator traumático originado pelo ambiente como o ponto-chave que desemboca nos estados dissociados da mente mais graves. Enquanto Freud enfocou as consequências no mundo interno relativas ao conflito que levava à dissociação, esses dois autores incluíram como fator causal as dificuldades nas esferas inter-relacionais e intersubjetivas, aspecto que o presente texto também procura salientar.

Em uma revisão sobre o conceito de dissociação em Ferenczi, Bokanowski menciona o fato de que, ao provocar um curto-circuito no mecanismo de recalque, “a parte excluída da lembrança traumática permanece clivada de suas possibilidades de representação sob um modo neurótico ... não é traduzível em palavras, manifesta-se corporalmente” (2000, p. 102). Ou, na visão de Fairbairn (1940/2001a), constitui uma personalidade esquizoide em que o sujeito conserva um mundo interno apartado do contato emocional com o mundo externo. Característica consequente a uma dissociação primitiva na qual a relação com o objeto frustrador foi incorporada e preservada no mundo interno como defesa contra o desamparo absoluto. Fairbairn (1944/2001d) também elaborou uma metapsicologia específica dos estados dissociados na qual a mente

humana é constituída de partes de ego que condensam, cada uma delas, formas de relacionamentos objetivos determinantes para o desenvolvimento psíquico, que ocorrerá de acordo com a integração entre essas partes.

As concepções de Ferenczi e Fairbairn ajudam a esclarecer o entendimento de que certos estados dissociados da mente podem ser vistos como um não-eu. Como Bokanowski (2000) resume, com base em Ferenczi, há uma desvitalização do psiquismo e desqualificação dos sentimentos, do vivido e do sentido. Costumam apresentar falhas na simbolização, distúrbios no autoerotismo, reações de violência primária e ausência de familiaridade com a realidade. Tudo isso é observável nos chamados casos-limite, nas personalidades borderline, nas psicoses e nas perversões. Para Fairbairn (1940/2001b), o sujeito permanece em um sistema fechado de relação consigo próprio e com o mundo, evitando um sistema aberto de trocas emocionais. O desenvolvimento psíquico, quando transcorre de uma forma suficientemente boa, se dá através de uma passagem da dependência absoluta até o que ele chamou de relações de *dependência madura* (destaque meu). Entre uma e outra o sujeito passa pelas fases de transição com relações de objeto específicas determinadas pela excitabilidade de cada fase (oral, anal, fálica), nas quais dependência e separação são experimentadas. A dependência madura é caracterizada por um sistema aberto de relações que são, como o nome diz, interdependentes, mas capazes de separação. Na medida em que as turbulências da travessia mantêm o sujeito fixado na dependência absoluta ou nas dependências das fases de transição, a relação com o mundo, numa perspectiva intersubjetiva, é vivenciada com um não-eu. A dificuldade de integração desse não-eu no self do sujeito potencializa o sofrimento psíquico e aumenta as já complexas questões que envolvem um processo psicanalítico. Há que se buscar uma linguagem para atingir as áreas dissociadas, o que tem sido um dos grandes desafios da psicanálise contemporânea.

Retornando ao caso “clínico” proposto pelo grupo de WhatsApp, posso dizer que a mentira é um dos recursos possíveis do Eu para adequar e controlar os outros, escondendo destes e de si próprio o não-eu inadequado. O mentiroso que sabe que mente, por exemplo um

criador de notícias falsas, tem um vínculo com a realidade externa, a despeito das motivações inconscientes que o levam a mentir. Um vínculo perverso, sem dúvida, que tenta anular a subjetividade e a diferença do outro enredando-o na mentira. Quando o mentiroso passa a acreditar na própria mentira, é porque, paradoxalmente, o funcionamento do vínculo perverso perdeu efetividade no momento em que a realidade externa não se amoldou mais ao enredo criado, o que faz ressurgir uma ameaça interna. Controlar o outro implicava também controlar estados dissociados do Eu. Quando o controle se desfaz, uma defesa possível é incorporar internamente a mentira como verdade. Nega-se a realidade externa frustrante ao mesmo tempo em que se evita o contato com os aspectos internos cindidos.³

O mentiroso que acredita na própria mentira permanece em constante negação, o que é visto no recente fenômeno de notícias falsas massivas. Individual ou coletivamente os sujeitos acreditam em teorias inverossímeis facilmente contraditas por evidências factuais e científicas. E, pior, difundem a notícia. Pode-se objetar que, se o indivíduo acredita, faz parte de uma verdade pessoal. Na verdade (sem trocadilho), trata-se de uma crença inflexível mantida graças a indícios tênues, superficiais, até bizarros, para continuar em negação das motivações inconscientes, essas sim, verdadeiras, que se encontram na raiz da mentira.

É possível imaginar o esforço substancial que a mente primitiva emprega para pôr algo fora da esfera do Eu e, mais adiante no desenvolvimento, manter esse estado dissociado. Todo o potencial criativo que existe em um mentiroso, como o inventor de notícias falsas, é posto a serviço de um empobrecimento emocional dentro de si e com o mundo tendo como base uma relação de onipotência narcísica, pretensamente

3 Um quadro psiquiátrico chamado síndrome de Münchhausen ilustra como essa situação pode alcançar uma forma delirante. O indivíduo procura convencer que está acometido por uma doença física descrita nos mínimos detalhes. Como não se encontra nenhuma evidência após a série de exames que a Medicina costuma fazer, o indivíduo não admite e chega a provocar autolesões das mais variadas que simulam o quadro clínico para provar que está certo. Existe também a síndrome de Münchhausen por procuração em que a mesma atitude é realizada com alguém próximo em condição de vulnerabilidade como uma criança através de um genitor ou um idoso através de um filho ou filha.

protetora do sofrimento psíquico. Tal sujeito mantém constantemente uma vigilância e desconfiança paranoide em relação aos outros, provavelmente derivadas de vivências primitivas em ambiente não confiável (Cassorla, 2018). O não-eu é o aspecto dissociado contra o qual o self precisa se blindar, pois qualquer acontecimento, interno ou externo, tem o potencial de tocar num ponto sensível, numa ferida narcísica, que fará desabar todo o sistema construído para manter algo fora do Eu.

E o que está na origem dos estados dissociados da mente? Retornemos às palavras originais do poeta, “chega até a fingir que é dor a dor que deveras sente”. Este é um dos grandes dramas do ser humano: o que fazer com a dor que deveras se sente?

Alguns fazem poesia ou expressam a criatividade de infinitas formas. Esses conseguem aproveitar as possibilidades simbólicas que o mundo oferece ao Eu, assim como as que derivam do mundo interno. Na psicanálise encontramos sujeitos que procuram ajuda devido a soluções frustradas que funcionaram por um período como paradoxais estratégias de sobrevivência psíquica, manifestadas através de sintomas quando a neurose prevalece, nas passagens ao ato dos borderlines ou no mundo delirante dos psicóticos. Não cabe no objetivo deste texto diferenciar o recalque da dissociação e qual o nível de perda do contato do Eu com o mundo tanto no recalcado quanto no dissociado. De uma forma certamente simplista, pode-se identificar uma diferença no neurótico, no qual o recalque é o mecanismo principal, e nela o que é “estranho” (Freud, 1919/1976a) pode tornar-se familiar em alguma escala ao atingir o pré-consciente. No borderline e no psicótico, nos quais predomina a dissociação, o “estranho” – não recalcado, mas dissociado –, quando chega a se tornar familiar, isso se dá por caminhos que requerem práticas técnicas além do método clássico e de exigências emocionais extraordinárias da parte do analista. Muitas análises não alcançam esse ponto devido ao risco vivenciado pelos pacientes de se deparar novamente com o trauma primitivo.

Na psicanálise contemporânea se dá atenção especial a áreas da mente que não alcançaram representação psíquica e, portanto, prejudicam o processo de formações simbólicas, as quais se estruturam

precariedade. São espaços vazios de laços ou preenchidos com laços simbióticos que alternam angústias de separação e as de intrusão, ambas aterrorizantes (Green, 2008). É a área do desamparo absoluto, a área dos traumas primitivos pré-verbais precoces, intensos e duradouros, a área em que há pletora das relações narcísicas. Dissociar esses aspectos e retirá-los da esfera do Eu, torná-lo um não-eu, foi a saída possível para alguns sujeitos, uma estratégia de sobrevivência psíquica para eles. O problema é que o não-eu reina em silêncio e consome grande parte do Eu obrigado a manter defesas que evitem contato com as partes dissociadas. Empobrece o psiquismo no pensamento, na linguagem, nos afetos e, conseqüentemente, no contato com a realidade externa. Necessita para funcionar de um sistema fechado que não se expanda para o relacionamento intersubjetivo mais aberto (Fairbairn, 1940/2001b).

No borderline isso se manifesta através de uma passagem ao ato constante com descargas motoras ou verbais sempre que alguma situação emocional se avizinha ao dissociado. O acesso ao não-eu dissociado nesses pacientes apresenta bloqueios resistenciais ao processo psicanalítico devido à conduta adesiva da passagem ao ato como fuga e como modo de satisfação pulsional e de gratificação narcísica.

Nos psicóticos a dissociação é mais radical, já que ela não é somente um estado dissociado na mente, mas assume uma existência no mundo externo. Procurando a raiz do surto psicótico nos estados muito primitivos, acredita-se que um trauma originário no psicossoma condensou o pulsional e o biológico sem apoio de representações psíquicas e permaneceu em estado de dissociação, um não-eu. O surto psicótico seria uma retraumatização, o retorno do dissociado. Tão intenso e violento, que precisa ser expulso, ejetado da mente, retornar ao não-eu. E o faz de tal forma, que leva junto grande parte do Eu. Diante do vazio, algo precisa ser feito, uma nova história surge para preencher esse espaço, com a construção de um mundo delirante no paranoico, um mundo onipotente e grandioso na megalomania do maníaco, um mundo morto-vivo para ser atacado na mente do melancólico. Uma das muitas geniais percepções de Freud foi ter notado que nos psicóticos o mundo interno desabou, e o delírio é uma tentativa de reconstrução desse

mundo interno, que, no entanto, acaba vivenciado como um não-eu. É o foracluído que retorna como Real, na concepção de Lacan (Lemaire, 1986). Uma das grandes dificuldades do trabalho psicanalítico com psicóticos é o estado de alerta que esses pacientes mantêm contra a ameaça de uma vivência semelhante à do surto psicótico ressurgir no contato emocional com os outros e com o analista em particular. O desafio é integrar a crise psicótica como algo da história do sujeito, torná-la um acontecimento, logo, uma parte do Eu, o que também é extremamente doloroso. Como dizer ao Eu que o não-eu também é seu?

Fica claro pelo exposto que a psicanálise, ao mesmo tempo em que é capaz de uma aproximação privilegiada aos estados dissociados, enfrenta enormes obstáculos para acessá-los nos casos mais graves, muitas vezes até mesmo nas neuroses.⁴ Bokanowski comenta esse aspecto com base em um trecho do *Diário clínico* de Ferenczi:

permanece aberta a questão de saber se não há casos em que a reunificação do complexo clivado pelo traumatismo seja tão insuportável que não se efetue totalmente e que o paciente, marcado pelos traços neuróticos, até mesmo desapareça no não ser ou na vontade de não ser. (2000, p. 104)

Fairbairn (1943/2001c) menciona as reações terapêuticas negativas dramáticas nos esquizoides quando o vínculo transferencial ameaça levar à renúncia da relação com o objeto frustrador introjetado. Objeto que, ao ser primitivamente incorporado como um escudo protetor num período que ele denominou pré-ambivalente, livrou o pequeno sujeito de vivenciar o desamparo, para o qual contribuiu esse mesmo objeto. Volta-se novamente à experiência de desconfiança em relação ao outro.

4 Importante assinalar que há situações traumáticas ocorridas na idade adulta que são tão poderosas, que o sujeito precisa da dissociação para que o restante do Eu possa funcionar. Ocorreu, por exemplo, com sobreviventes do Holocausto que somente após décadas puderam falar sobre aquele momento. Alguns só conseguiram revelar a história pela qual passaram às novas famílias que formaram depois de muito tempo de convivência. Uma hipótese para não haver um empobrecimento maior do Eu nesses sujeitos estaria baseada no fato de o trauma incidir sobre eus mais estruturados sem maiores injúrias psíquicas primitivas. A mesma hipótese pode ajudar na compreensão do que se denomina resiliência de indivíduos diante de fatos traumáticos severos.

O paciente não vislumbra garantias de que uma “nova experiência emocional”, que veio através da transferência, não leve à repetição da relação decepcionante com o objeto primitivo. Melhor ficar com o estabelecido que, para o bem ou para o mal, possibilitou, até certo ponto, a sobrevivência psíquica.

Trazendo a discussão para o momento social contemporâneo, uma breve menção a como os estados dissociados, que existem em maior ou menor grau em todos os sujeitos, estariam se manifestando ou sendo instrumentalizados diante de algumas experiências extremas da atualidade. A passagem por situações-limite em nível pessoal ou coletivo, como, por exemplo, na pandemia ou em guerras, pode desencadear vivências de desamparo que fazem ressurgir angústias primitivas que se mantinham dissociadas. Ocorre que nesses momentos as feridas narcísicas se amplificam e trazem à tona ressentimentos que podem assumir características projetivas quase delirantes. É o caldo nutriente ideal para a proliferação de teorias conspiratórias e disseminação de notícias falsas que criam inimigos a serem eliminados, física ou psiquicamente. Freud em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/2013) mostrou que esse aspecto está na base da aderência de indivíduos a movimentos de massa em que líderes, geralmente mentirosos que sabem que estão mentindo, prometem mundos ideais, pretensas compensações narcísicas para aplacar os não-eus ressurgidos. Onde havia não-eu, faça-se um Eu imposto que irá estruturar uma identidade adesiva, o que está na base da “banalidade do mal” (Arendt, 1999), em que cidadãos comuns perpetram atos bárbaros, indiferentes à existência do outro diferente. O momento é grave, mas não se deve perder a expectativa de que, juntamente com outros fatores, as ideias psicanalíticas e sua influência no desenvolvimento do ser humano e da cultura venham a contribuir para que tenhamos os eus e um mundo melhores.

Estados disociados de la mente. ¿Un no-yo?

Resumen: Discutir la presencia de mentiras y fake news en la actualidad tiene como objetivo inicial ilustrar el funcionamiento de la disociación en el psiquismo. Se discuten matices que diferencian al mentiroso que sabe que miente del mentiroso que cree su propia mentira. Se presentan aportes de Freud, Ferenczi y Fairbairn sobre el mecanismo de la disociación, enfocándose más en los aspectos interrelacionales e intersubjetivos traídos por los dos últimos autores y cómo se presentan los estados disociativos en la clínica psicoanalítica. También se discute la conveniencia de conceptualizar los estados disociativos como pertenecientes a un no-yo. Volviendo al punto de partida, se utiliza la base teórica del texto para comprender un aspecto presente en el entorno sociocultural.

Palabras clave: disociación, mentira, borderline, psicosis, psicología de masas

Dissociated states of mind. A not-I?

Abstract: Discussing the presence of lying and fake news nowadays has as its initial objective to illustrate the functioning of dissociation in the psyche. Nuances that differentiate between the liar who knows he is lying and the liar who believes his own lie are discussed. Contributions by Freud, Ferenczi and Fairbairn on the mechanism of dissociation are presented, focusing more closely on the inter-relational and inter-subjective aspects brought by the last two authors and how dissociative states are presented in the psychoanalytic clinic. The desirability of conceptualizing dissociative states as belonging to a not-I is also discussed. Returning to the starting point, the theoretical basis of the text is used to understand an aspect present in the sociocultural environment.

Keywords: dissociation, lying, borderline, psychosis, mass psychology

Referências

- Arendt, H. (1999). *Eichmann em Jerusalém* (J. R. Siqueira, Trad.). Companhia das Letras.
- Bokanowski, T. (2000). *Sandor Ferenczi* (M. Seincman, Trad.). Via Lettera.
- Cassorla, R. M. S. (2018). Breve ensaio sobre a mentira. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 52(2), 81-96.
- Fairbairn, W. R. D. (2001a). Factores esquizoides de la personalidad. In W. R. D. Fairbairn, *Estudio psicoanalítico de la personalidad* (H. Friedenthal, Trad., pp. 19-40). Lumen-Hormé. (Trabalho original publicado em 1940)
- Fairbairn, W. R. D. (2001b). Revisión de la psicopatología de las neurosis y de las psicosis. In W. R. D. Fairbairn, *Estudio psicoanalítico de la personalidad* (H. Friedenthal, Trad., pp. 41-68). Lumen-Hormé. (Trabalho original publicado em 1940)
- Fairbairn, W. R. D. (2001c). La represión y el retorno de los objetos malos. In W. R. D. Fairbairn, *Estudio psicoanalítico de la personalidad* (H. Friedenthal, Trad., pp. 69-89). Lumen-Hormé. (Trabalho original publicado em 1943)
- Fairbairn, W. R. D. (2001d). Las estructuras endopsíquicas consideradas en términos de relaciones de objeto. In W. R. D. Fairbairn, *Estudio psicoanalítico de la personalidad* (H. Friedenthal, Trad., pp. 91-138). Lumen-Hormé. (Trabalho original publicado em 1944)
- Freud, S. (1975). A divisão do ego no processo de defesa. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 305-312). Imago. (Trabalho original publicado em 1940)
- Freud, S. (1976a). O estranho. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 17, pp. 273-318). Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1976b). A perda da realidade na neurose e na psicose. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. O. A. Abreu, Trad., Vol. 19, pp. 227-234). Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2013). *Psicologia das massas e análise do Eu* (R. Zwick, Trad.). L&PM. (Trabalho original publicado em 1921)
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea* (A. M. R. Rivarola, Trad.). SBPSP/Imago.
- Lemaire, A. (1986). *Jacques Lacan, uma introdução* (D. Checchinato; O. R. Sobrinho; S. J. Almeida, Trans.). Campus.

Bernard Miodownik

betchkov@uol.com.br

